

volume

29/1

jan/2024

ICH - UFPel

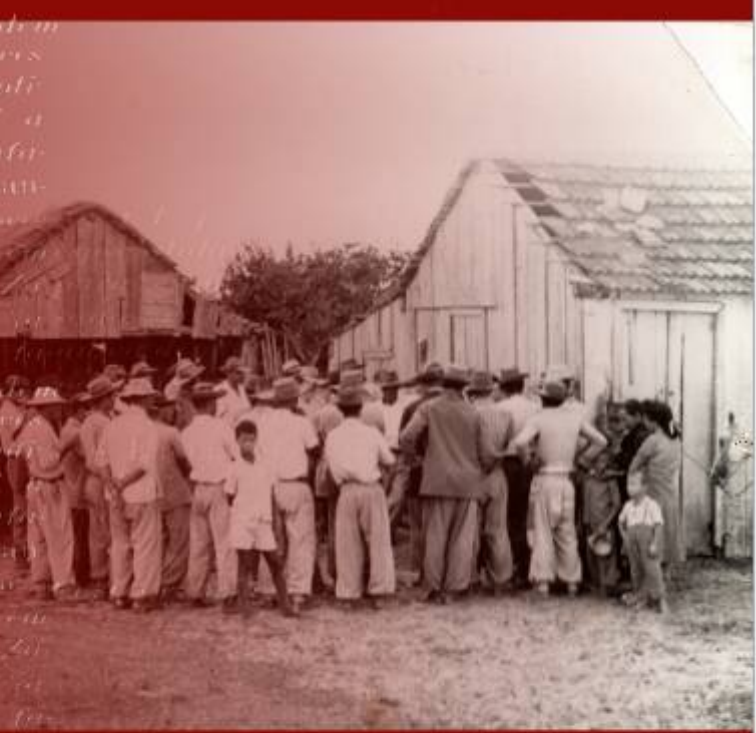


# História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

Quilombos: Territorialidades, Festejos e Gênero

*As Leis primeiras d'alem #xkckle q' primeira to dem  
especialidades em doces specialidades em doces  
para casamentos, baptipara casamentos, bapti  
sados e banquetes. E' usados e banquetes. E' a  
unica depositaria da ulatunica depositaria da ulat  
nada Guarana Espumamada Guarana Espumam  
te e do eccellente chovero e do excelente chov  
bit Laeta, fabricados culab Laeta, fabricados em  
S. Paulo pelos Srs. Zos. Paulo pelos Srs. Zol  
nalla Loureiro & Companhia Loureiro & Cia  
A. Conditaria Brasileira A. Conditaria Brasileira*



Hist. Rev. Pelotas Número 29/1 p.1-284 jan. 2024

ISSN 2596-2876





**Obra publicada pela  
Universidade Federal  
de Pelotas**

*Reitora*

Isabela Fernandes Andrade

*Vice-Reitora*

Ursula Rosa da Silva

*Chefe do Gabinete da Reitoria*

Aline Ribeiro Paliga

*Pró-Reitora de Ensino*

Maria de Fátima Cossio

*Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação*

Flávio Fernando Demarco

*Pró-Reitora de Extensão e Cultura*

Eraldo dos Santos Pinheiro

*Pró-Reitor de Assuntos Estudantis*

Rosane Maria dos Santos Brandão

*Pró-Reitor Administrativo*

Ricardo Hartlebem Peter

*Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento*

Paulo Roberto Ferreira Júnior

*Pró-Reitor de Gestão de Pessoas*

Taís Ulrich Fonseca

*Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial*

*Presidente do Conselho Editorial:* Ana da Rosa Bandeira

*Representantes das Ciências Agrárias:* Victor Fernando Büttow Roll (TITULAR) e Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner

*Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra:* Eder João Lenardão (TITULAR)

*Representantes da Área das Ciências Biológicas:* Rosangela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e Francieli Moro Stefanello

*Representantes da Área das Engenharias:* Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR)

*Representantes da Área das Ciências da Saúde:* Fernanda Capella Rugno (TITULAR) e Anelise Levay Murari

*Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas:* Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Eduardo Grala da Cunha e Maria da Graças Pinto de Britto

*Representante da Área das Ciências Humanas:* Charles Pereira Pennaforte (TITULAR), Lucia Maria Vaz Peres e Pedro Gilberto da Silva Leite Junior

*Representantes da Área das Linguagens e Artes:* Lúcia Bergamaschi Costa Weymar (TITULAR), Chris de Azevedo Ramil e João Fernando Igansi Nunes

*Instituto de Ciências Humanas*

*Diretor:* Prof. Dr. Sebastião Peres

*Vice-Diretora:* Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini

*Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa. Beatriz Loner*

*Coordenadora:*

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

*Membros do NDH:*

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Prof. Dra. Márcia Janet Espig

*Técnico Administrativo:*

Paulo Luiz Crizel Koschier

*História em Revista* – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica – Prof<sup>a</sup>. Beatriz Loner

*Comissão Editorial:*

Prof<sup>a</sup> Dra. Lorena Almeida Gill  
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Márcia Janete Espig  
Prof. Dr. Jornas Vargas  
Paulo Luiz Crizel Koschier

*Conselho Editorial:*

Prof<sup>a</sup>. Dra. Alexandrine de La Taille-Trétinville U.,  
Universidad de los Andes, Santiago, Chile  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Carolina Carvalho Viotti (UNESP - Marília)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)  
Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)  
Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos (UFPA)  
Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha (UNICAMP)  
Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (UFU)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Gisele Porto Sanglard (FIOCRUZ)  
Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (Universidade Federal de  
Uberlândia)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Joana Balsa de Pinho, Universidade de Lisboa  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Karina Ines Ramacciotti,  
(UBA/CONICET/Universidad de Quilmes)  
Prof<sup>a</sup>. Ms. Larissa Patron Chaves (UFPEL)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Antônia Lopes (Universidade de Coimbra)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria de Deus Beites Manso (Universidade de  
Évora)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Marta Lobo de Araújo (Universidade do  
Minho)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. María Silvia Di Liscia (Universidad Nacional de  
La Pampa – AR)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Soledad Zárate (Universidad Alberto  
Hurtado – Chile)  
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)  
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos  
Aires).  
Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Tatiana Silva de Lima (UFPE)  
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)  
Prof. Dr. Tiago Luis Gil (UNB)  
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

*Editora:* Lorena Almeida Gill

*Editores do Volume:* Claudia Daiane Garcia Molet (UFPEL) |  
Natália Garcia Pinto (UFPEL)

*Editoração e Capa:* Paulo Luiz Crizel Koschier

*Imagem da capa:* Quadro fotográfico composto por meninos,  
algumas mulheres, homens negros. Veem-se cavalos, casa de  
madeira com telhas francesas e galpão de mesmo material. Lê-  
se no verso: “Reforma Agrária. Negros Teixeira”. Campo dos  
Teixeiras. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Arquivo  
Particular Campo dos Teixeiras. FCT11

*Pareceristas ad hoc:* Álvaro Barreto | André Fagundes | André  
Lopes | Benedita Celeste Pinto | Bruno Martins | Caroline  
Braga Maciel | Cassiane Paixão | Cesar da Costa | Daniela  
Carvalho | Deise Cristina Schell | Iamara Viana | Jonas  
Vargas | Josimeire Alves | Lidiane Friderichs | Lua Gill da  
Cruz | Lucimar Felisberto dos Santos | Maciel Carneiro |  
Manuel Alves de Sousa Júnior | Márcio Sônego | Mariane  
Balén | Paulo Cadena | Paulo Moreira | Paulo Roberto  
Rodrigues Soares | Paulo Sérgio Silva | Petrônio Domingues  
| Raquel Dias | Rosane Rubert | Sidney Daniel | Sidney  
Gonçalves Vieira | Ynaê Lopes dos Santos

*Editora e Gráfica Universitária*

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |  
Fone/fax: (53)3227 8411  
e-mail: editora@ufpel.edu.br

*Edição:* 2024/1

ISSN – 2596-2876

*Indexada pelas bases de dados:* Worldcat Online Computer  
Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre Acesso  
| International Standard Serial Number | Worldcat |  
Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

**UFPEL/NDH/Instituto de Ciências Humanas**

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770  
Fone: (53) 3284 3208 - <http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>  
e-mail: historiaemrevista@ufpel.edu.br



Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional  
Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733  
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPel

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê: Quilombos: Territorialidades, festejos e gênero) / Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner, v.29, n.1, jan. 2024. – Pelotas: UFPel/NDH, 2024 – 284 p. ; 7,01 MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Quilombos 3. Gênero

CDD: 907

---

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)(s) autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> PRESENTATION <i>Claudia Daiane Garcia Molet   Natália Garcia Pinto</i>	<b>08</b>
<b>HISTÓRIA EM REVISTA: UM BREVE HISTÓRICO E ALGUNS NÚMEROS</b> HISTORY IN REVIEW: A BRIEF HISTORY AND SOME NUMBERS <i>Lorena Almeida Gill   Paulo Koschier</i>	<b>12</b>
<b>“SOU FRUTO LONGÍNQUO DA RAIZ LUIZA”: FAMÍLIA E TERRITORIALIDADES NEGRAS A PARTIR DO QUILOMBO RINCÃO DOS FERNANDES</b> “I AM FAR DESCENDING OF ROOT LUIZA”: FAMILY AND BLACK TERRITORIALITIES FROM THE QUILOMBO RINCÃO DOS FERNANDES <i>Vanessa Flores dos Santos   Franciele Rocha de Oliveira</i>	<b>17</b>
<b>QUILOMBOS RINCÃO DOS CAIXÕES E LINHA FÃO: O ESTAR NO MUNDO DE UM TERRITÓRIO NEGRO NO PLANALTO DO RIO GRANDE DO SUL (DO SÉCULO XIX AO TEMPO PRESENTE).</b> QUILOMBOS RINCÃO DOS CAIXÕES AND LINHA FÃO: BEING IN THE WORLD OF A BLACK TERRITORY ON THE RIO GRANDE DO SUL PLATEAU (FROM THE 19 <sup>TH</sup> CENTURY TO THE PRESENT TIME) <i>Maria do Carmo Moreira Aguiar</i>	<b>36</b>
<b>CONTANDO TEMPOS E ARRANJANDO ESPAÇOS: ALGUMAS PROPOSTAS DE PERIODIZAÇÃO DOS MOCAMBOS E QUILOMBOS, SÉCS. XVIII-XXI</b> COUNTING TIMES AND ARRANGING SPACES: SOME PROPOSALS FOR THE PERIODIZATION OF MOCAMBOS AND QUILOMBOS, 19 <sup>TH</sup> CENTURY. XVIII-XXI <i>Claudia Daiane Garcia Molet   Flávio Gomes</i>	<b>59</b>
<b>QUILOMBOS: ORGANIZAÇÕES SOCIAIS INTERÉTNICAS</b> QUILOMBOS: INTERETHNIC SOCIAL ORGANIZATIONS <i>Jamille Pereira Pimentel dos Santos</i>	<b>77</b>

- “GUARDEI PRA LEMBRANÇA”: MEMÓRIAS DO RITUAL DO ENSAIO DE PAGAMENTO DE PROMESSA DE QUICUMBI DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO (TAVARES/RS)**  
 “I KEPT IT AS A MEMORY”: MEMORIES OF THE ENSAIO DE PAGAMENTO DE PROMESSA RITUAL OF QUICUMBI FROM THE BROTHERHOOD OF NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO (TAVARES/RS)  
*Luciene Mourige Barbosa* **92**
- TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE QUILOMBOLA: UMA ANÁLISE SOCIOETNOCULTURAL DA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS E DAS FESTAS, FOLIAS E REZAS**  
 QUILOMBOLA TERRITORY AND TERRITORIALITY: A SOCIO-ETHNOCULTURAL ANALYSIS OF FOOD PRODUCTION AND PARTIES, REVELRY AND PRYERS  
 TERRITORIO Y TERRITORIALIDAD QUILOMBOLA: UM ANÁLISIS SOCIOETNOCULTURAL DE LA PRODUCCIÓN DE ALIMENTOS Y FIESTAS, JOLGORIO Y ORACIONES  
*Hélio Rodrigues dos Santos | Ana Tereza Ramos de Jesus Ferreira | Geraldo Eustáquio Moreira* **114**
- FESTA E POLÍTICA: UMA ANÁLISE DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO PRATIGI (BA)**  
 PARTY AND POLITICS: AN ANALYSIS OF THE QUILOMBOLA COMMUNITY OF PRATIGI (BA)  
*Fábio Júnior da Luz Barros* **138**
- TRAJETÓRIA DE VIDA E IDENTIDADE PARA DUAS MULHERES NEGRAS, MÃE E FILHA DO QUILOMBO MANOEL DO REGO, CANGUÇU/RS**  
 TRAJETÓRIA IN LIFE AND IDENTITY FOR TWO WOMEN BLACK MOTHER AND DAUGHTER OF QUILOMBO MANOEL OF TRENCH CANGUÇU/RS  
*Nara Beatriz Matias Soares | Marcus Vinicius Spolle* **158**
- RESISTÊNCIA E IDENTIDADE: ANÁLISE DE COMO A ESCOLA ATUA NO PROCESSO IDENTITÁRIO QUILOMBOLA EM HELVÉCIA**  
 RESISTANCE AND IDENTITY: ANALYSIS OF HOW THE SCHOOL WORKS IN THE QUILOMBOLA IDENTITY PROCESS IN HELVÉCIA  
*Julia Silva da Ressurreição | Magno Santos Batista* **177**

**O FÓRUM DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO LITORAL MÉDIO COMO  
INSTRUMENTO DE CONQUISTA DE DIREITOS!**

THE FORUM OF QUILOMBOLA COMMUNITIES OF THE MIDDLE COAST AS AN  
INSTRUMENT FOR GAINING RIGHTS!

*Jorge Amaro de Souza Borges* **188**

**ARTIGOS LIVRES**

**ABORDAGENS HISTÓRICAS SOBRE O LITORAL DO PIAUÍ, NICOLAU DE  
REZENDE, RIO PARNAÍBA E A CARTOGRAFIA NACIONAL**

HISTORICAL APPROACHES TO THE COAST OF PIAUÍ, NICOLAU DE REZENDE,  
PARNAÍBA RIVER AND NATIONAL CARTOGRAPHY

*Maria Natielly Soares Campos | Johny Santana de Araújo* **212**

**A ATUAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO (PCB) NAS DIFERENTES  
CONJUNTURAS POLÍTICAS ATÉ O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964**

THE PERFORMANCE OF THE BRAZILIAN COMMUNIST PARTY IN DIFFERENT  
POLITICAL SITUATIONS UNTIL THE CIVIC-MILITARY DICTATORSHIP OF 1964

*Renato da Silva Della Vechia | Alana Huttner Wolter | Igor Venzke Pinheiro* **229**

**DISCUTINDO A DITADURA MILITAR BRASILEIRA EM AULAS DE HISTÓRIA:  
SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS COM O USO DO VÍDEO**

DISCUSSING THE BRAZILIAN MILITARY DICTATORSHIP IN HISTORY CLASSES:  
DIDACTIC SEQUENCES USIN VIDEO

*Cláudio Alves Pereira | Daniel Aparecido Ferreira* **248**

**OS COLÉGIOS NA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL  
NO SÉCULO XIX**

THE SCHOOLS IN THE PROVINCE OF SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL  
IN THE 19<sup>TH</sup> CENTURY

*Eduardo Arriada | Chéli Nunes Meira* **265**

# TRAJETÓRIA DE VIDA E IDENTIDADE PARA DUAS MULHERES NEGRAS, MÃE E FILHA DO QUILOMBO MANOEL DO REGO, CANGUÇU/RS

TRAJETÓRIA IN LIFE AND IDENTITY FOR TWO WOMEN BLACK MOTHER AND DAUGHTER OF QUILOMBO MANOEL OF TRENCH CANGUÇU/RS

*Nara Beatriz Matias Soares<sup>1</sup>*

*Marcus Vinicius Spolle<sup>2</sup>*

---

**Resumo:** Esse artigo busca fazer uma conexão com minha dissertação que está em desenvolvimento, onde a linha de pesquisa são os quilombolas, mais precisamente adota uma perspectiva geracional onde os sujeitos são pais e filhos. Aqui fiz um recorte para mulheres, visto ser um estudo de gênero. Assim sendo, metodologicamente é uma pesquisa qualitativa, com entrevistas semiestruturadas com duas mulheres do Quilombo Manoel do Rego com o intuito de saber suas trajetórias de vida e como elas vêem suas identidades.

**Palavras Chaves :** Mulheres; quilombo; identidade; trajetória.

**Abstract:** That article search do an connection with my dissertação, what It is in development at where The line in search and the quilombolas, more precisamente The perspective geracional at where the subjects Are parents and sons on here I did one cutout for women visa to be O study in genre like this being metodologicamente and an search qualitative with interviews semi estruturadas with two women of quilombo Manoel of trench with O intent in to know your trajetórias in life and as they come your identity.

**Key words:** Women; quilombo; identity; trajetória.

---

## Introdução

Desde que fui convidada para fazer a seleção de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas (PPGS/UFPel) busco desenvolver minha dissertação visando analisar um dilema que enfrento e que noto mais pessoas próximas a mim que tiveram a oportunidade de sair do quilombo para trabalhar ou estudar vivenciam: o que farei no meu futuro e o futuro da minha comunidade quilombola? Para melhor situar você leitor, preciso contar a minha trajetória de vida para que você entenda porque cheguei neste dilema. Nasci e fui criada na localidade de Solidez, primeiro distrito de Canguçu, pelos meus pais Elizeu e Jurema com o auxílio da minha avó Cercelina e dos meus oito irmãos. Sempre fomos uma família muito unida pelo amor e na luta por nossos objetivos.

A minha trajetória escolar iniciou aos seis anos de idade quando ingressei no ensino fundamental na Escola de Ensino Fundamental Incompleto Fernão Dias. Quando eu ia a pé junto com colegas pomeranos, era a única aluna negra da turma. Estudei nessa escola

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós Graduação em Sociologia - Mestrado, [mnarabeatriz@yahoo.com](mailto:mnarabeatriz@yahoo.com), CAPES.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós Graduação em Sociologia - Mestrado, [sociomarcus@gmail.com](mailto:sociomarcus@gmail.com)



até a terceira série, porque no ano 2000 construíram a Escola de Ensino Fundamental Santo Ângelo com ensino fundamental completo, onde as aulas começaram no ano de 2001 e foi nesta que concluí meu ensino fundamental.

Parei por dois anos de estudar por falta de transporte para ir à escola com ensino fundamental próxima. Quando retornei a estudar, ia e voltava diariamente, da cidade, na Escola Técnica Estadual de Canguçu onde cursei o ensino médio e o Curso Técnico em Agricultura. Fiz o estágio do curso técnico na Emater Ascar Canguçu, tendo que alugar uma casa para morar, onde quem custeou as despesas foram meus familiares que continuam na localidade de Solidez. Em 2016, ocorreu a mudança para a cidade de Pelotas, devido minha aprovação no processo seletivo específico para quilombolas para cursar a faculdade de Direito e esse distanciamento causou um estranhamento no começo, mas felizmente esse não foi motivo para me fazer desistir, pois a realização desse sonho refletiria em benefícios para toda minha família. Me formei em maio de 2022 e o que fazer agora? Trabalhar no que e em que cidade sem ter experiência? Aproveito aqui para reforçar o quão importante e urgente é, pensar nas políticas públicas para os egressos, foi aí, que surgiu a possibilidade de fazer o mestrado e trabalhar esse dilema na dissertação.

Eu não seria e não estaria hoje aqui na Universidade Federal de Pelotas se não tivesse tido uma família tão especial que sempre me apoiou e proporcionou minha estada e permanência aqui. Filha de pais analfabetos desde pequena, recebi junto com meus irmãos, uma educação exemplar. Por considerar linda a história de minha família resolvi desenvolver esse trabalho fazendo um recorte das mulheres que são mães, apresentando suas trajetórias de vida, a questão do cuidado e a influência religiosa em nossas vidas. Optei por esse objeto de pesquisa por admirar essas duas mulheres que são minha mãe e minha irmã, com quem tenho a honra de conviver e acompanhar suas trajetórias diárias. Com relação a isso, achei interessantes as palavras ditas por Nêgo Bispo em entrevista para Mekukradjá no ano de 2020:

Eu lhe passei tudo que eu sabia mas não sabia tudo que eu queria lhe ensinar mas mesmo assim quero lhe dizer que enquanto você passar para as outras gerações aquilo que eu passei pra você mesmo que esteja enterrado, estarei vivo. Mas no dia que você deixar de passar para as outras gerações isso que eu recebi de outras gerações e estou lhe passando mesmo que eu esteja presente, eu estarei morto. Então a minha vida a partir de hoje está nas suas mãos, a minha vida está na sua vida (CULTURAL, 2021).

O escritor piauiense estava contando as palavras que lhe foram ditas por uma pessoa próxima a ele, antes de falecer. Isso demonstra que o saber é muito importante para nós quilombolas, por isso, ficamos felizes em compartilhar esses saberes com as futuras gerações sem mercantilizar o saber. Este trabalho tem como metodologia uma análise qualitativa onde fiz entrevista com essas duas mulheres negras, mãe e filha e optei por manter a originalidade de suas falas.

Decidimos denominá-las por mãe/avó e mãe/filha para facilitar o entendimento do leitor. A mãe/avó é mãe da mãe/filha com isso, o trabalho envolve geração familiar. No decorrer do trabalho, será citada a matriarca da família que hoje já é falecida, vovó Cercelina que foi e sempre será lembrada com muito carinho e admiração por ter sido um exemplo para nossa família. Escrevo em primeira pessoa o trabalho porque me sinto representada e por ser parte nos relatos delas e por considerar importante ocupar o lugar de fala. O lugar de fala está intrinsecamente condicionado ao campo do social, e não do individual, entendendo que o lugar social que determinados grupos ocupam, e nele existem, nega ou autorizam lugares de cidadania (RIBEIRO, 2017).

Para Mignolo (2008) este sentido único dado ao conhecimento está presente nas metodologias, princípios e nas subjetividades formadas no âmbito das construções acadêmicas, enraizadas no domínio dos conceitos modernos e eurocentrados. Essas subjetividades colonizadas se entrelaçam a outros símbolos e subjetividades já presentes na sociedade (re)produzindo novas formas de silenciamento e invisibilidade (SANTOS, 2021). Falar da experiência enquanto mulher negra quilombola também é uma maneira de se contrapor a uma homogeneização das experiências das mulheres. Sueli Carneiro propõe o enegrecimento do feminismo.

Enegrecendo o feminismo é a expressão que vimos utilizando para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais (CARNEIRO, 2003, p. 118).

Para as mulheres negras, o feminismo hegemônico ainda estava assentado numa perspectiva eurocêntrica e colonialista e, portanto, não conseguia compreender os aspectos da formação social e histórica dos países latino-americanos, que foram explorados e colonizados, e onde o racismo permanece como base estrutural destas sociedades (GONÇALVES, 2020). Antônio Bispo dos Santos, o Nêgo Bispo, pensador e escritor piauiense enfatiza o quanto é importante as comunidades quilombolas valorizarem e compartilharem os saberes e as memórias ancestrais existentes nas comunidades quilombolas. Além disso, o quanto e como esse costume se difere da mercantilização do saber por ser um dos maiores problemas da sociedade. Eu aqui neste trabalho quero compartilhar os saberes dessas duas mulheres com o intuito de apresentá-los sem visar lucros financeiros.

A escrita de Bispo (2015) vincula-se ao olhar decolonial e convida a descolonização da linguagem e do pensamento pelo questionamento do projeto moderno, eurocêntrico e ocidentalizante vivenciado nos últimos séculos (SANTOS, 2021). Para Bispo, a forma de pensar dos povos tradicionais e a intelectualidade acadêmica se distanciam por serem construídas e constituídas a partir de diferentes paradigmas, por pensar assim, ele

trabalha com os conceitos de colonização e a contra-colonização para designar os "processos de enfrentamento entre povos, raças e etnias em confronto direto no mesmo espaço físico geográfico" (SANTOS, 2015, p. 15). Dessa forma, se restituiu humanidades negadas e estabelece uma crítica a hierarquização dos saberes como produto da classificação racial, demonstrando que o modelo universalmente valorizado de ciência é branco, euro-cristão e patriarcal, definidor de quem possui o privilégio social e, em consequência, o privilégio epistêmico (RIBEIRO, 2017, SANTOS, 2018).

### **Identidade, a influência religiosa e quilombola**

Segundo o dicionário de português a definição de mulher é pessoa do sexo feminino depois da puberdade, pessoa adulta do sexo feminino (BRASIL, 2023), deriva-se do latim *mulier*, uma mulher é uma pessoa do sexo feminino. Trata-se de um termo que se utiliza em contraste a homem, conceito que nomeia o ser humano do sexo masculino (BRASIL, 2020). A visão eurocêntrica e universalizante de mulher incapacitou o feminismo de "reconhecer as diferenças e desigualdades presentes no universo feminino, a despeito da identidade biológica" (CARNEIRO, 2003, p. 118) sendo essa apenas uma das formas de opressão. Biblicamente aprendemos na congregação religiosa na qual participamos, Congregação Evangélica Luterana Redenção Manoel do Rego filiada a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) que mulher é uma pessoa digna de respeito mesmo tendo sido o último ser que Deus criou. Ao criá-la, Ele a encheu de beleza, meiguice, delicadeza e força conforme consta no primeiro livro da Bíblia Sagrada<sup>3</sup>, o livro de Gênesis.

Quanto a igreja, o templo desta congregação foi fundada em 1926, no terreno que foi doado pelo senhor Manoel do Rego, um homem negro que residia na localidade e comprou um pedaço de terra para construir a igreja (SOARES, 2021). Segundo relato que me fora feito, essa doação se deu logo após um desentendimento ocorrido em meados de mil e novecentos entre alguns negros e pomeranos no pátio próximo a Congregação Evangélica Luterana Redentor da Solidez, congregação que negros da localidade também frequentavam. Em 2023, a congregação religiosa Redentor passou a ter uma família negra congregada, sendo essa família composta por duas pessoas que já estavam anteriormente, ela era composta em sua totalidade por famílias de descendência pomerana. A distância entre as duas congregações é de um quilômetro e meio e ambas são filiadas à Igreja Evangélica Luterana do Brasil e têm o mesmo pastor.

Na igreja aprendemos que a mulher foi feita da costela do homem para ser sua companheira. Ela não é menos que o homem e nem superior a ele, estando aqui esclarecido que sua submissão não representa inferioridade. Pontuo esse conceito religioso pelo fato de vivermos conforme nossa educação cristã, sendo algo que pode despertar a atenção de outras pessoas, algo que já aconteceu no processo de reconhecimento do quilombo Manoel do Rego. Falo da congregação religiosa porque ela influenciou diretamente na formação da

---

<sup>3</sup> Para nós cristãos luteranos ela é a Palavra de Deus revelada e registrada em uma coleção de livros escritos durante séculos, o livro mais lido no mundo, livro único não comum com natureza humana e divina.

comunidade quilombola pois, desde a década de 1930 até 2014, a Congregação Redenção Manoel do Rego teve um coral composto por pessoas negras congregadas e este coral despertou, nas pessoas externas, a curiosidade em saber de onde as famílias integrantes da Congregação haviam vindo e como foi a trajetória de vida destas até chegar à localidade de Solidez (SOARES, 2021). Foi então que, no ano de 2003, deu-se início ao processo de auto reconhecimento e titulação dessa comunidade como remanescentes de quilombos. Ela está situada na localidade de Solidez, 1º Distrito da cidade de Canguçu.

A maioria dos associados são congregados na Congregação Redenção Manoel do Rego. Essa comunidade quilombola é composta por 29 famílias, com vários graus de parentesco, sendo em sua maioria pessoas idosas e muitas destas analfabetas ou sub escolarizadas. As famílias que a ela pertencem vivem em pequenas propriedades distanciadas por vários quilômetros (SOARES, 2021). A maioria das famílias têm a posse direta de suas terras, ou seja, não têm escritura em razão da perda de documentos, enquanto que as demais são oriundas de doações orais dos antigos patrões.

Atualmente, a Associação do Quilombo Manoel do Rego participa com seus talentos artísticos (música e teatro), influenciados pela Congregação, de eventos festivos alusivos às comemorações em torno do dia da consciência negra. A comunidade se sustenta através do cultivo de grãos, chás, temperos, legumes, verduras e árvores frutíferas conforme os ensinamentos adquiridos com seus antepassados que são a memória ancestral destes (SOARES, 2021). O principal conhecimento desta comunidade é referente ao manejo das culturas agrícolas e a cura das enfermidades humanas e dos animais com o uso de plantas medicinais (SOARES, 2021) e o artesanato. Saberes que passa de pai para filho, de avós para netos por fazerem parte de nossa identidade quilombola:

Ser Quilombola é pertencer a uma comunidade e ter orgulho do nosso povo, da nossa comunidade e da resistência de nossos antepassados. É fazer parte do povo que ajudou a construir as riquezas do país e a enriquecer a cultura. É poder dizer a todos que há sangue negro correndo nas veias, sangue daqueles que sofreram na escravidão e que hoje nos dá o poder de lutar pelos nossos direitos (SOARES, 2021).

Para Beatriz Nascimento Quilombo são homens livres que buscam conscientemente organizar uma sociedade para si onde possam viver de acordo com seu passado histórico africano brasileiro, com seus hábitos, seus costumes, sua cultura ou seja, sua forma de ser (NOBEKO, 2023). Para a autora o quilombo sempre foi reprimido, toda sua história não se esgotou ao ter sido escrita pelos brancos, visto que os negros não deixaram nada escrito (NOBEKO, 2023). Esses brancos, portugueses, relataram apenas aquilo que era negativo nesses documentos, sem observar que o quilombo fora um estabelecimento humano para os homens escravos ou não. Hoje o quilombo é a continuação da história que não pode se acabar, pois essa é a história do povo negro brasileiro (NOBEKO, 2023).

A maneira de viver, felizmente, segue nos quilombos envolvendo homens, mulheres e pessoas de todas as faixas etárias. As mulheres quilombolas, por exemplo, estão sempre junto no trabalho com seus pares, porque temos orgulho de nossas raízes, somos guerreiras e resistência junto com os demais na luta por direitos e igualdade. Elas trabalham arduamente para ter o que é seu, por isso, a mãe/avó se identifica de forma breve e com muito orgulho: “*Eu so uma trabaidera*”. Com vivência e trabalho em duas localidades diferentes: “*Eu nasci no primeiro de Canguçu, depois casei e fui pra lá pro Iguatemi.*” A mãe/filha se identifica “...*como uma pessoa muito batalhadora porque eu gosto muito de correr atrás dos meus objetivos.*”

Nossos antepassados, pela linhagem materna, sempre residiram na localidade de Solidez, onde foram construindo suas famílias e patrimônio, trabalhando na lida da roça, o que prova que as comunidades quilombolas sempre existiram e o que vem ocorrendo mais recentemente é a documentação que regulamenta essa existência. Nesse sentido, desde que a Comunidade Remanescente de Quilombos Manoel do Rego situada na localidade de Solidez, no 1º distrito de Canguçu no Estado do Rio Grande do Sul, teve sua certificação junto a Fundação Cultural Palmares em meados dos anos dois mil participamos ativamente das atividades que ocorrem dentro da comunidade e das que ocorrem no município.

Mas os quilombos no Brasil existem desde os séculos XVI e XIX onde negros chegados de diversos lugares, através do tráfico atlântico - milhões de homens e mulheres, muitos escravizados na própria África (GOMES,2015). Todos reis, príncipes, rainhas, guerreiros, princesas, sacerdotes, artistas, agricultores, mercadores urbanos, conhecedores da metalurgia e do pastoreio foram transformados conforme a visão dos europeus em africanos(GOMES,2015).Aqui desenvolveram inúmeros trabalhos de forma árdua explorando e gerando riquezas e além disso tiveram que se adaptar a linguagem, as moradias, alimentação e culturas daqui. Ao mesmo tempo que trabalhavam eram castigados, maltratados o tempo todo e um número bem elevado foi acometido pela morte.

Para se livrar desses castigos em excesso foram feitos protestos através de rebeliões, assassinatos, fugas, insurreições e morosidades no desenvolver das tarefas onde os senhores eram intolerantes e brutais (GOMES,2015). O fator geográfico foi fundamental para garantir a economia, ecossistema e território mas também, para embates contra as expedições punitivas, pois eram comunidades móveis de ataque e defesa (GOMES,2015). Os quilombos (originário de idiomas da família *bandu*, além de fazer referência aos acampamentos, também era associada a guerreiros *imbangalas*) ou mocambo (dos idiomas *kimbundu* e *kicongo* e fazia referência a estruturas utilizadas para a construção de cabanas) eram espécies de comunidades compostas por ex-escravos que fugiam das fazendas na época do Brasil Colonial(QUEIROZ, 2021). O primeiro registro de um mocambo foi em 1575 na Bahia (GOULART,1972 e MOURA,1972 e 1981).

Zumbi dos Palmares foi o líder quilombola mais conhecido, ele nasceu aproximadamente em 1655, no Quilombo dos Palmares, Capitania de Pernambuco, região da serra da Barriga. Alguém semelhante a Zumbi foi, Manoel Padeiro, o Zumbi dos Pampas que, fundou por entre os riachos e matagais da Serra dos Tapes, nas cercanias de Pelotas, uma série de quilombos dispostos a acolher aqueles que, tal qual ele próprio, rebelavam-se

contra o sistema vigente à época (BENGO, 2023). Canguçu, cidade onde se situa o quilombo Manoel do Rego, faz parte da região da Serra dos Tapes como veremos a seguir.

### **Canguçu, cidade onde fica situado o Quilombo Manoel do Rego**

O município de Canguçu, onde fica a comunidade, está situado na Serra dos Tapes de formação geológica mais antiga do Estado. Compreende a região dos municípios de Canguçu, Pelotas e São Lourenço do Sul. Em 2022, o município tinha 49.680 pessoas de população segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021)<sup>4</sup>. O desenvolvimento da vila de Canguçu esteve diretamente vinculado ao de Pelotas, dada a proximidade geopolítica e, além disso, a geografia foi extremamente importante por:

A geografia do município, constituída pela sucessão de serras de matas e baixadas (várzeas) de campos, tornou concomitantes o desenvolvimento de grandes/médias propriedades e, ao mesmo tempo, pequenas propriedades. A região de serranias, pouco propícia ao desenvolvimento da pecuária, tornou plausível o acesso à terra à parentelas negras, na forma de posses definitivas ou por meio da relação de parceria, fator que por certo contribuiu para a constituição de mais de uma dezena de comunidades negras situadas neste município (RUBERT, 2015, p.70).

A geografia da Serra dos Tapes, com sua disposição em relevo, das rochas acidentadas e matas, propiciava boas condições de camuflagem para o desenvolvimento de aquilombamentos, singularidade essa que perpassa a região e atribuía dificuldade de trânsito (BALHEGO, 2020). Os habitantes originários de Canguçu foram os indígenas Tapes, Tapuias, guaranizados e subordinados aos Guaranis, e que deram seu nome a região onde Canguçu se assenta. Vestígios destes povos ainda são encontrados nos traços de habitantes do Posto Branco, Canguçu Velho e Herval (BRASIL, 2023).

Atualmente, em sua maioria, brancos descendentes de pomeranos, indígenas (uma aldeia) e um número bastante elevado de negros que residem nos cinco distritos, zona rural de Canguçu, contribuindo para que Canguçu seja a capital da agricultura familiar e o município com maior minifúndio do país (IBGE, 2017). Em Canguçu há predominantemente pomeranos e quilombolas negros sendo 16 comunidades quilombolas (609 famílias) e cada grupo busca a valorização e preservação de suas práticas culturais de afirmação da ancestralidade distintas, fruto de uma história comum que configura em uma grande riqueza cultural e identitária (SOARES, 2021).

A comunidade quilombola Manoel do Rego foi certificada em meados dos anos dois mil em decorrência da congregação religiosa Manoel do Rego, que desde 1926 tem um coral e este ter só integrantes negros. Quando estudiosos das Universidades Federal do Rio

---

<sup>4</sup> População estimada IBGE, disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/cangucu/panorama>>. Acesso em julho de 2023.

Grande do Sul e da Universidade Federal de Pelotas se depararam com esta característica, buscaram saber de onde vieram os antepassados destes, que hoje residem lá e chegaram à conclusão de que as famílias eram descendentes de pessoas que foram escravizadas. Hoje sabemos que a história contada e ensinada para as pessoas nas escolas e de forma oral, sonega que antes do Brasil ser descoberto pelos portugueses, pois negros e indígenas já estavam aqui.

Na região hoje denominada Canguçu certamente havia povoamento negro, meu bisavô materno, conforme minha avó materna contou, venho da região da Nigéria e tinha a pele preta bem retinta, sua esposa, bisa Joana, era “bugra”, denominação que vó Cercelina dava para quem era fruto de uma relação entre negro e indígena. Vó Cercelina é mãe da entrevistada mãe/avó e avó da mãe/filha. Foi graças ao ensino dado por essa matriarca que hoje somos mulheres batalhadoras. Vó Cercelina enfrentou muitas dificuldades na vida, mas era uma mulher de muita fé e foi essa fé que a manteve firme até seus 92 anos aqui neste mundo.

### **A influência do ensino e saberes dos mais velhos e a constituição familiar**

Podemos afirmar que não seríamos as mulheres que somos hoje se não tivéssemos tido uma base familiar exemplar, que nos ensinou princípios que levaremos para toda a vida. Na minha família meus pais tiveram dez filhos, o mais velho faleceu com 5 meses de vida em decorrência de uma pontada dupla, os demais estão todos vivos, alguns já constituíram família, não moram mais no quilombo e não se sentem quilombolas.

Durante a vida, junto com meus pais, meus irmãos trabalharam na lavoura cultivando hortaliças, batata inglesa e doce, amendoim, morango, milho e soja de sócio esse cultivo era feito e segue sendo, conforme as fases da lua para evitar que as pragas atinjam a plantação, que a produção seja maior, etc. Além de plantar conforme a fase da lua costuma ainda ser posto nas hortas e nas lavouras espantalhos<sup>5</sup> que assemelha-se a uma pessoa enganando assim, os pássaros que gostam de atacar as plantações. Mais recentemente eles também incluíram o tabaco na produção.

Além disso, sempre tiveram criações de animais de pequeno porte, que serviam de alimento e junta de bois e cavalo para tração animal, pois não possuíamos equipamentos agrícolas. Eles abdicaram de estudar para ajudar nossos pais, por isso, eu consegui estudar, foi devido ao total apoio e demais suportes que eles me deram. Enquanto minha mãe estava no campo, meus irmãos mais velhos ajudaram minha avó materna, Cercelina, a quem tenho imensa admiração, a criar nós os mais novos. Enquanto estávamos na companhia da avó ela nos contava como foi sua vida, o que ela fazia de trabalho, ensinava cantigas para fazer os bebês dormirem e outras para dias de chuva além, dos rituais de benzer queimaduras e afastar os invejosos.

---

<sup>5</sup> Boneco de pano colocado em uma madeira que é gravado na lavoura/horta.

Assim, para nossa família, tudo que somos e temos na vida, recebemos de Deus, são bênçãos dEle. Nós temos uma vivência dentro da Igreja Evangélica Luterana do Brasil que perdura a vida toda e isso se dá por incentivo de nossos pais, que consideram ser o melhor caminho. A mãe/avó passou a frequentar a igreja depois que casou, ou seja, quando adulta: *“Entrevistadora: E a senhora sempre frequentou a igreja desde criança? Mãe/avó: Não, depois de véia, depois que eu casei.”* Ela fez instrução de adulto junto com meu pai na Congregação Evangélica Luterana São do Potreiro Grande na localidade de Potreiro Grande, 2º distrito de Canguçu pois ela morava na localidade do Iguatemi, próxima a divisa com a localidade de Potreiro Grande.

Alguns anos depois, eles voltaram a morar na Solidez próximo a meus avós maternos e quando meu avô Álvaro faleceu foram morar com a vó Cercelina para cuidar dela. Nesta localidade passaram a frequentar a Congregação Evangélica Redenção Manoel do Rego. A mãe/avó considera a fé prioridade para ela e seus filhos: *“... Eu gosto muito da igreja não sei ler mais eu gosto de frequentar e ensinei os filhos que eles vão no caminho certo, que vão na igreja.”* Nós, filhos, aceitamos seguir esse caminho e estamos nele até hoje, pois consideramos uma das coisas mais importantes da vida. Se hoje somos unidos pelo amor sanguíneo e sabemos respeitar o próximo é porque recebemos uma educação exemplar de nossa base que são nossos pais. A mãe/filha confirma em sua entrevista o diferencial que a igreja faz:

**Mãe/filha:** a igreja em si eu creio muito em Deus e pra mim sem Ele a gente não é nada e não consegue nada. Ensinei e incentivei a Diemilly<sup>6</sup> desde bebê sempre falando de Jesus para ela e de Deus e que ela sempre antes de dormir ela sempre ore, quando levanta também e que se ela tá feliz, ela agradeça se ela tiver triste ela ore porque Deus é tudo que a gente tem sem ele a gente não é nada.

A oração move montanhas e temos fé de que o Criador sempre fará o melhor para nós conforme sua vontade. É um dos nossos hábitos diários, à noite oramos em família antes de dormir, lembro que vovó Cercelina não ia deitar sem antes ouvir uma mensagem do castelo forte<sup>7</sup>, cinco minutos com Jesus<sup>8</sup> ou uma passagem lida da Bíblia. Nos últimos anos, como eu e o Rogerio meu irmão mais novo, estamos residindo em outras cidades em decorrência de nossas graduações, é feita uma ligação via whatsapp para orarmos juntos.

É algo que está sendo passado e ensinado de geração em geração, além de orar em casa fazemos isso indo aos cultos, nas atividades dos departamentos da Congregação a qual participamos, encontros distritais e nacionais:

---

<sup>6</sup> Diemilly é a filha da entrevistada, ela tem nove anos.

<sup>7</sup> Devocionário que contém uma meditação diária, com uma oração ao final e a indicação de um trecho bíblico para leitura. Ele é escrito por autores das Igrejas Luteranas.

<sup>8</sup> Devocionário com uma reflexão, um versículo bíblico e uma oração. Traz diariamente a Palavra de Deus em linguagens simples, oferecendo respostas, consolo, paz, perdão, esperança e vida eterna. Ele é escrito por vários autores da Igreja Evangélica Luterana do Brasil.



**Entrevistadora:** A tua vivência na igreja sempre foi a vida toda, tu sempre participou nas atividades?

**Mãe/filha:** eu sempre participei das atividades desde pequena porque a gente participava da escolinha e do culto. E aí nós não tinha carro a gente vinha longe a pé dava 7, 5 km até a igreja nois vinha a pé, não gostava de perder uma escolinha e nos cultos como nós era os pequeno aí se o pai vinha de carroça trazer a vó a gente vinha junto e aí se não dava o pequeno vinha junto os outros caminhavam de a pé para vir para o culto então é desde pequeno e agradeça a Deus por ter uma igreja e por ter, por meus pais ter nos colocado no caminho do Senhor.

A mãe/filha foi professora de escola dominical para as crianças da igreja, gosta muito da parte artística ao desenvolver teatros e apresentações musicais, hoje ela trabalha com o departamento de servas<sup>9</sup> conciliando seus afazeres profissionais e pessoais, pois foi impulsionada a isso desde nova. Por esse impulso nos sentimos fortalecidas a desenvolvermos inúmeras funções ao mesmo tempo como, por exemplo, criação e educação dos filhos, lida doméstica e o trabalho no campo ou no mercado de trabalho, pois essa renda é essencial para a manutenção da família devido ao fato, de não sermos famílias em boas condições financeiras. Esse trabalho de cuidado é o que nos faz termos orgulho de nossa identidade. Souza afirma o seguinte sobre a identidade quilombola:

A noção de identidade quilombola está estreitamente ligada à ideia de pertença. Essa perspectiva de pertencimento, que baliza os laços identitários nas comunidades e entre elas, parte de princípios que transcendem a consanguinidade e o parentesco, e vinculam-se a ideia tecidas sobre valores, costumes e lutas comuns, além de identidade fundada nas experiências compartilhadas de discriminação (SOUZA, 2008, p. 78).

Podemos pensá-la como um vínculo de reflexão dos membros das comunidades. A identidade, inclusive, foi uma dimensão importante para o desenvolvimento da interseccionalidade como forma de investigação e práxis críticas (COLLINS, 2021, p. 187). A identidade não é fixa, ela muda conforme as relações e locais aonde vamos.

### **Tipos de trabalhos desenvolvidos e o desejo de futuro para seus filhos**

O trabalho doméstico de cozinhar, cuidar da casa, bem como a criação dos filhos, forma o pilar do capitalismo, por permitir a reprodução da força basilar de produção, que normalmente não é reconhecido e considerado trabalho pela sociedade. Há quem afirme que é dom e instinto da mulher desenvolver essas funções, o que podemos considerar uma violência que ocorre a muito tempo e concomitantemente, uma exploração. Na maioria dos casos as mulheres têm salário inferior aos homens e no caso das mulheres negras, é o pior

---

<sup>9</sup> Grupo de mulheres casadas da Congregação Evangélica Luterana Redenção Manoel do Rego filiado a Liga de Servas Luteranas do Brasil (LSLB).

salário de todos. Muito se deve às responsabilidades familiares que normalmente são cargos principalmente das mulheres pois elas têm atuado para a limitação da atuação econômica feminina ou com os cuidados penalizam a forma de inserção e remuneração das mulheres o que resulta em dificuldades de articulação entre atividades produtivas e reprodutivas(PASSOS,2022). Ademais, inibem o desenvolvimento profissional, fincado em estereótipos que desqualificam e secundarizam o trabalho produtivo feminino(PASSOS,2022).

A mãe/avó é uma mulher que sempre viveu na zona rural trabalhando na agricultura, cultivando hortaliças e cultivares agrícolas para a criação dos animais, como milho e feijão, batata doce e inglesa, amendoim, entre outros, para o sustento da família junto com seus familiares, como meu pai:

**Entrevistadora:** E a senhora trabalhava no que durante a vida?

**Mãe/avó:** Na lavoura plantando. Plantando miio, plantando feijão, batatinha, minduim e quando era soltera, nós trabaia na granja meu pai trabaia na granja cortava arroiz de foice. Fumo doze anos de serviço que nós trabaia na granja.

**Entrevistadora:** E essa granja era aonde?

**Mãe/avó:** Ora onde era...no município de Pelotas, dois ano fumo lá pra Santa Vitória pra lá nois trabaia inriba dos caminhão.

A renda desse trabalho se destinava para auxiliar nas despesas da família, era para garantir o sustento de todos. Antigamente, quem gerenciava as questões financeiras da família era o pai ou marido, as mulheres costumavam se subordinar ao mando e coordenação destes. Depois que ela casou e foi residir com seu esposo no Iguatemi formou sua família e seguiu trabalhando no campo para garantir seu sustento e de sua família:

**Entrevistadora:** Tá e como é que a senhora criou seus filhos? Quem é que cuidava deles para a senhora pode trabalhar?

**Mãe/avó:** Nois levava pra lavora eu e meu marido levava pra lavora dentro de uma caxinha a gente butava e ia trabaia. Depois que eles ficaro mais grande os mais veio eles cuidavo us outro mais piqueno e ficavam com a vovó depois eu vim cuida a vó ai a vó cuidava mas eu ia pra lavora e dava volta e vinha de meio dia pra pode dá sustento dá mama pro mais pequeno. Era essa minha vida.

Aqui ela reforça que foi através do trabalho que conseguiu o sustento da família: *"...criei tudo no suori trabaia na lavora não ganhava nada assim de auxílios"*, afirma ela na entrevista. Ela fala isso porque mesmo nossa família sendo grande, onde os menores estavam estudando, recebeu o auxílio do governo, Bolsa Família<sup>10</sup> somente por um curto período. Lembro que meu irmão mais novo estava na segunda série, hoje terceiro ano do ensino

<sup>10</sup> É um programa de transferência direta de renda com condicionalidades, que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza.

fundamental, quando esse corte foi efetuado e a justificativa foi que a renda era alta pelo fato de morarmos com minha avó que era aposentada. Mas meus pais nunca quiseram ficar dependendo do governo para se manter, essa foi uma das coisas que nos ensinaram, que deveríamos lutar para adquirir nossas coisas e para procurar ser alguém na vida. A exemplo trago a fala da mãe/filha que representa muito bem como fomos educados, com obrigações e deveres:

**Mãe/filha:** eu nasci na localidade de solidez e trabalhei depois quando eu tava um pouquinho maiorzinha, depois dos 10 12 anos fazia alguma coisa assim mas o que eu mais ajudava era dar água pra algum animal nessa idade no caso mas a minha infância no caso eu aproveitei bem brinquei bastante com meus irmãos jogava bola, brincava de casinha então tipo eu não precisei trabalhar tanto assim não eu ajudava a mãe no serviço pequeno busca graveto e brinca e dar água para os animal era isso no meu serviço não tinha assim aí depois dos 16 anos que eu comecei assim a trabalhar na lavoura mais. E aí com 16 aí eu comecei a trabalhar de peão né que eu ajudava no dinheiro que a gente ganhava ajudava em casa também os pais.

Em seu relato notamos que ela curtiu bastante sua infância em família, hábito que é bastante comum na comunidade. Mas ela traz uma prática de trabalho “peão” que consiste no trabalho fora da propriedade prestando serviço braçal a outras pessoas. Historicamente, a princípio, se estabeleceram relações de trabalho entre negros e pomeranos, onde os negros trabalhavam como peões<sup>11</sup> em época de safra colhendo fumo, na colheita de milho, arrancando feijão preto e cortando soja para garantir seu sustento e da família. Pelas relações próximas, às culturas de ambos os povos, em algumas localidades, foram se misturando e virando uma cultura própria do local (SOARES, 2021). A entrevistada fala o quão importante fora essa renda para ela e sua família:

**Mãe/filha:** é um trabalho assim que no caso era uns vizinhos que chamava a gente para trabalhar e aí eu estudava de manhã e de tarde as vezes eu ia ai depois que eu parei de estudar eu ia o dia todo a gente não recebia muito não naquela época claro o dinheiro cinco reais tinha muito valor né então então a gente conseguiu comprar bastante coisa depois sempre foi aumentando o valor mas como a gente tinha o trabalho em casa e não tinha uma renda boa a gente precisava desse serviço porque aí a gente conseguiu um dinheirinho até para nós sair se a gente tinha algum alguma viagem alguma coisa aí a gente precisava do dinheiro por isso que a gente trabalhava de peão.

Além de trabalhar como peão, outra forma de garantir uma renda maior era trabalhando como sócio. Nossa família passou por isso, principalmente, no trabalho na cultura da soja, onde entravam com a mão de obra e o outro agricultor com propriedade, a

---

<sup>11</sup> Trabalho braçal de empregado informal no campo em áreas gerais e pecuária para vizinhos recebendo, o pagamento diariamente.

semente e a adubação. O plantio era feito a máquina, a capina a enxada onde para retirar um pouco das plantas daninhas era passado capinadeira com boi ou cavalo. A colheita era realizada à foice, onde faziam um monte do produto para trilhar. Deste trabalho se recebia a terça parte do valor que resultava da venda do produto.

O fato das famílias terem pequenas propriedades e terem um número grande de pessoas exigiu muitas vezes, a sujeição a esse tipo de trabalho. Atualmente a mãe/filha trabalha fora, na escola Municipal Santo Ângelo e em casa no cultivo de hortaliças, feijão, milho e batatas sempre com sua filha junto:

“...eu trabalho na escola desde 2020 aí teve a pandemia 2021/2022 eu voltei em agosto de 2022 então até hoje eu trabalho na escola e levo ela junto comigo aí num turno ela tem aula outro turno ela fica lá na escola para poder me acompanhar porque eu não tenho onde deixar ela mas ela é criada comigo.”

Sua filha, Diemilly Thauane, tem 9 anos hoje e sempre foi a companhia da mãe, seja no trabalho e nas atividades na igreja, seja nos afazeres de casa ou no emprego:

A Diemilly eu criei ela eu mesmo cuidava no caso de manhã cedo quando o pai dela saía pra trabalhar às vezes eu já levantava cedo fazia alguma coisa que ela talvez não ia parar na lavoura eu já fazia antes dele sair, aí eu voltava e aí fazia alguma coisa com ela sempre eu levava ela para onde eu vou eu levo ela porque eu não tenho ninguém que possa ficar com ela.

A criação dos filhos é semelhante, pois ambas onde iam e vão nos dias atuais levam seus filhos juntos. Atualmente a mãe/avó não desenvolve um trabalho árduo no campo, conforme notamos na sua fala ao ser perguntada no que trabalha: *“Alguma coisa o básico que eu posso fazer as veiz eu faço mais na lavora trabaio poco.”* Além de trabalhar na escola a mãe/filha desenvolve outras funções:

**Entrevistadora:** tá então hoje o trabalho que tu desenvolve é trabalhando na escola, tu faz mais alguma coisa além desse trabalho na escola?

**Mãe/filha:** eu faço artesanato faz artesanato, cuido dos meus animal em casa, planto uma horta para mim sempre ter o meu alimento em casa, costuro também, e faço bastante chinelos no período das férias mesmo dezembro, janeiro e fevereiro eu vendo muito bastante chinelos, faço toalhinhas bordadas, faço bolo, faço salgadinhos várias coisas eu me desdubro fazendo mas é um trabalho que eu gosto muito de fazer que é a área do artesanato é então, além de me ajudar na minha renda eu gosto de fazer.

Ela faz chinelos decorados, toalhinhas bordadas, itens para bebê e vários outros artesanatos. Além disso, faz salgadinhos e bolos decorados conforme as encomendas que surgem por parte de seus familiares e amigos da localidade. Esses trabalhos auxiliam na sua

renda e dessa forma é possível notar que a vida de ambas sempre foi de muito trabalho, tudo que elas adquiriram foi com muito sacrifício. O que elas têm ensinado para seus filhos está muito ligado ao incentivo, legado exemplo de vida:

Eu digo sempre pra Diemilly que ela lute porque ninguém dá nada pra ninguém, e que ela aprenda com a mãe em casa porque se a vida ensinar vai ser mais difícil mas que ela sempre tem que correr atrás de objetivo para ela ter as coisas dela não ficar dependendo porque do céu não vai cair (Mãe/filha).

Vivemos em uma sociedade racista, machista e sexista e isso faz com que a mãe/filha deseje uma vida com futuro bem diferente do dela para sua filha.

Eu espero que a Diemilly tenha um futuro diferente do meu porque hoje mesmo, eu tenho que sair com ela pra mim trabalhar e ter um salário para mim ajudar em casa no caso, eu quero que ela estude tenha o trabalho dela, tenha a formação dela eu incentivo e se Deus quiser me der força, vou ajudar ela e sempre vou incentivar ela para ela ter o estudo e ter a formação mas, eu já ensino ela a fazer as coisas no caso para ela sempre saber o dia que ela não tiver perto de mim ela vai saber.

Nos dias atuais nós mulheres buscamos equiparidade salarial, possibilidades de estar e ocupar os cargos e espaços que achamos dignos de estar por termos capacidade de desenvolver tal função. Como bem sabemos, esse problema de tratar as mulheres como inferiores não é algo recente, sempre foi assim:

**Entrevistadora:** E a senhora falou um pouco de quando a senhora era solteira trabalhava com seu pai na granja junto com seus irmãos e tal a senhora considera que havia um tratamento diferente para os homens e mulheres na família e na sociedade? Como é que a senhora vê isso?

**Mãe/avó:** É que aquilo ali era um serviço muito... pra gente que era muie era um serviço bem puxado a gente cortava arroiz de foice com água, água meia canela era bem puxado. Lá a gente tirava dois meis, um meis depois vinha pra casa.

A mãe/avó, mesmo tendo 72 anos, afirma que o tratamento era diferente na família e na sociedade para as mulheres. Ela desenvolveu por 12 anos o trabalho na granja junto com homens e na sua visão é um trabalho muito “puxado” para as mulheres, por esse motivo, quer que as mulheres da sua família estudem. Portanto, o enfrentamento do diferencial salarial entre homens e mulheres precisa passar tanto por políticas públicas que auxiliem na articulação entre trabalho e família, de modo a abrir brechas para uma maior jornada laboral e melhor inserção profissional, como pela quebra de estereótipos que desqualificam e secundarizam a força de trabalho feminina (PASSOS, 2022). Pensando nisso, a mãe/avó sugere que:

**Entrevistadora:** E qual é a sugestão que você dá para que as mulheres elas tenham um tratamento de igualdade que nem a senhora diz que o trabalho era muito puxado lá na granja. Como é que a senhora acha que pode melhorar a questão da vida das mulheres tanto na sociedade quanto na família para ter um tratamento mais igual ao dos homens que possam desenvolver trabalhos que a senhora considere que é mais para as mulheres?

**Mãe/avó:** Trabaia tem que trabaia mais é bom te um estudo mais pra pode não se tão rígido o serviço.

Lélia Gonzalez afirma que há a necessidade de uma autonomia das mulheres negras, na medida em que o discurso daquele movimento sobre a opressão de gênero, estruturada pela “ideologia patriarcal não dá conta da diferença qualitativa que este tipo de opressão teve e tem ainda na construção da identidade feminina da mulher negra” (CARNEIRO; SANTOS, 1985, p. 42). Ao mesmo tempo, notamos que há um incentivo de ambas para que seus familiares estudem e trabalhem:

**Entrevistadora:** Se a senhora tá com 72 anos a senhora já é aposentada então. E qual a lição que a senhora tem deixado e ensinado para os seus filhos?

**Mãe/avó:** Preles estudar, trabaia pra isso.

Essa oportunidade ela deu para todos os filhos conforme ela relata na entrevista:

**Mãe/avó:** Todos tiveram a oportunidade de estuda. Uns já tão casado mais tão trabaiano. Estudo a gente deu nois era malfabeto mais nunca atequi que não estudasse que tivesse bom proveito dus estudo. Três fio são formado agora o Rogle mais moço ele tá fazendo outra faculdade.

Considero importante ressaltar que meus irmãos mais velhos pararam de estudar nos primeiros anos do ensino fundamental ao optarem por auxiliar os pais no trabalho na agricultura. Naquela época o deslocamento até a escola Fernão Dias era a pé, íamos com colegas pomeranos brincando, procurando ninhos de pássaros nos barrancos, comendo frutos que furtávamos nas propriedades próximas a estrada, etc., o que era divertido mesmo tendo as dificuldades climáticas.

A mãe/filha vivenciou isso, mas sua filha hoje tem o transporte escolar, não precisando caminhar até a escola. A entrevistada por sua vez está tentando através do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja) eliminar seu ensino médio, mas sua preocupação vai além, pois dá um enfoque para que as mulheres, especialmente elas, sejam independentes:

**Entrevistadora:** e qual é a sugestão que tu dá para as mulheres você disse que tem uma filha para que elas tenham igualdade, o que diria para mudar um pouco o pensamento e a ação da sociedade com relação a essa questão do tratamento

para com as mulheres?

**Mãe/filha:** que não dependa dos outros, que sempre lute para ser o teu trabalho pra te seu dinheiro porque aí tu não não vai depender das pessoas, tu vai lutar e vai conseguir comprar por exemplo, se tem alguma vontade de comprar tal coisa você vai conseguir comprar, se tiver vontade de sair para algum lugar, tu vai conseguir sair porque tu não depende daquilo a desigualdade muitas vezes acontece no caso, no sentido de tu depender que o homem tem que fazer tal coisa ou que que a mulher não pode fazer aquilo aí ela fica dependente e sendo dependente muitas vezes tu fica sem as coisas.

Nota-se o quão importante é essa independência para combater a desigualdade de tratamento, que está conectada com o pensamento machista enraizado nas famílias que constituem nossa sociedade:

**Entrevistadora:** e você considera que houve ou que ainda há um tratamento diferente entre homens e mulheres na família e na sociedade como é que tu vê que é o tratamento entre homens e mulheres é igual?

**Mãe/filha:** não, não é bem igual, depende muito das pessoas e depende muito do ensinamento que os pais deram tem uns que ainda são bem machista no sentido de tratar que eles são mais sempre e que a mulher não é tanto assim. Né mas aí tipo digamos, que os mais que foram ensinado pelos pais que que eram dessa forma de tratamento no caso né, porque cada vez que tá indo a sociedade as pessoas dos pais mais novos estão ensinando os seus filhos a tratarem as pessoas com igualdade sabe mas as pessoas ainda que tem uns 40 e poucos ainda tem essa desigualdade assim.

É algo que vem sendo passado de geração em geração e os mais jovens que acham vantajoso mantém e muitas vezes impõe limitações, espécies de barreiras:

**Entrevistadora:** E essa desigualdade ela paira no que? Ela consiste no que é na questão do estudar, na questão do trabalhar, que trabalho estão denominados para homens outros para mulheres o que você quer dizer que há pessoas que alimentam esse tratamento de desigualdade?

**Mãe/filha:** no sentido que a mulher não pode fazer isso, não pode fazer aquilo né nesse sentido que eu digo a desigualdade mas que no meu ponto de vista todo mundo pode fazer o que quiser fazer.

A pauta feminista de combate ao sexismo deixou invisíveis as especificidades das mulheres negras, ignorou as tensões sociais causadas por diferenças de etnia e classe social, como se todas as mulheres fossem iguais (LE MOS, 2006). A entrevistada aos 36 anos é uma pessoa batalhadora e justa é notável que ela luta por um tratamento igual e mais que isso, está tentando implantar no seu lar e no ciclo de convivência pois a diferença tem que começar por nós:

**Entrevistadora:** E como é que você vê isso na sua família né você vê que o tratamento é igual, diferente?

**Mãe/filha:** Eu sempre opto pra trabalhar com igualdade sabe mas por isso, que eu trabalho para eu ter o meu sustento, pra eu pode me manter, comprar o que eu quero. Na minha família não tinha assim muito isso, meus pais eram analfabetos então tipo a gente o que a gente aprendeu a gente foi vendo assim conforme a sociedade mas com uma visão sempre do novo né de ter igualdade para todo mundo.

Considero que as oportunidades que tivemos ao participar de encontros, sejam eles religiosos ou festividades entre amigos, foram essenciais para mudar a forma de ver e tratar as outras pessoas. Quanto à religiosidade, ressalto que o legado de fé, exemplo de vida, coragem e incentivo me deixa emocionada e me dá esperança de que coisas e atitudes melhores estão por acontecer. Se o Criador me permitir ser mãe, quero contar essa história para os meus filhos.

### **Considerações Finais**

Mulheres como essas além de ter o meu carinho tem, minha admiração. Elas são mães, irmãs, filhas, esposas, donas de casa, cristãs, quilombolas, enfim, elas são importantes e exemplos para quem está ao seu lado. Suas vidas são espelhos pela garra e determinação, pois a vida lhe exigiu isso. Elas são exemplos para seus filhos, como pudemos notar nas suas falas e também para quem está ao seu redor, de convívio. Que seus filhos possam dar continuidade ao legado, que contém às futuras gerações as lindas histórias das matriarcas. Pude notar que a filha se espelhou no exemplo da mãe e colocou em prática seus ensinamentos.

Minha mãe é uma guerreira, pois desde julho de 2017 se tornou pai e mãe pra nós com o falecimento do pai. Eles sempre foram nossa base, estiveram sempre nos incentivando a lutar pela realização dos nossos sonhos e ter fé que mesmo havendo dificuldades, nós iremos vencer. Mesmo eles não sabendo ler nem escrever seus ensinamentos foram preciosos e os principais responsáveis para formar nosso caráter.

Por isso, no momento tenho contado para meus sobrinhos a história de vida de nossa família, incentivando-os a valorizar a vida, os ensinamentos de seus pais e o esforço que eles fazem e fizeram até aqui para sustentá-los. São ensinamentos que precisam ser valorizados e ter continuidade, porque tudo que vem com facilidade é perdido com facilidade também, são os sacrifícios que nos fazem ser fortes e dar valor ao que é adquirido.

Nesse sentido, desenvolver esse trabalho trazendo a confluência cosmológica, trouxe aprendizado tanto com a elaboração das perguntas como com as respostas, pois o conhecimento envolvido nesse processo, não ocupou espaço e sim agregou enriquecimento de saberes. É preciso enfatizar os estudantes a trazerem a cosmologia politeísta afros quilombola em seus trabalhos acadêmicos para que todos conheçam o que é ser quilombola, nossas vivências e os saberes que temos. Nego Bispo criou o conceito de confluência para



analisar o processo de contracolônização dos saberes que trata da lei que rege a relação de convivência entre elementos da natureza e que ensina que "nem tudo o que se ajunta se mistura" (SANTOS, 2015).

## Referências

BALHEGO, Alisson Barcellos. **Para o bem e fielmente, sem dolo, nem malícia: ações de liberdade em Canguçu (1868 – 1887)**. Dissertação (Mestrado em História). Pelotas: UFPel, 2020.

CARNEIRO, Sueli; SANTOS, Thereza. **Mulher Negra**. São Paulo: Nobel, 1985.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Intersectionality**. Cambridge: Polity Press, 2016.

CONCEITO.DE. **Mulher - O que é, conceito e definição**. Disponível em <https://conceito.de/mulher>. Acesso em 27 dez. 2023.

GONZALEZ, Lélia. O movimento negro na última década. In: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **IV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, 1980.

IBGE. **Censo Brasileiro de 2015**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas de Gênero 2021**. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf). Acesso em 27 out. 2021.

\_\_\_\_\_. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

ITAÚ CULTURAL. **Nêgo Bispo: Vida, memória e aprendizado quilombola**; youtube. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gLo9ZNdgJxw>; duração 15:54 minutos, 2021.

LEMOS, Rosalia de Oliveira. Os feminismos negros: a reação aos sistemas de opressões. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 185, p.12-25, 2016.

MIGNOLO, W. Desobediência Epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Literatura, língua e identidade**, n° 34, p. 287-324, 2008.

NOBEKO, Livraria. **Beatriz Nascimento - Conceito de Quilombo**. Youtube, 30 de jan. de 2023. disponível em: <https://linktr.ee/LivrariaNombeko>

PASSOS, Luana; MACHADO, Danielle Carusi. Diferenciais salariais de gênero no Brasil: comparando os setores público e privado. **Revista de Economia Contemporânea** (2022) 26: p. 1-29.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p.

SANTOS, A. B. dos. **Colonização, Quilombos: modos e significações**. Brasília, DF:

INCTI - UnB, 2015.

SANTOS, Zenaira. A descolonização do conhecimento: uma análise da dinâmica territorial em Nego Bispo, um intelectual quilombola. **Brazilian Journal of Development**. Universidade Federal de Goiás (PPGeo IESA/UFG), 2021.

RUBERT, Rosane Aparecida; SILVA, Fernanda de Oliveira; OLIVEIRA, Solange de; Canguçu: apontamentos históricos. In: RUBERT, Rosane Aparecida (Org.). **Relatório antropológico de caracterização histórica, geográfica, econômica e sociocultural da comunidade remanescente de quilombos de Maçambique (Canguçu-RS)**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas; Fundação Simon Bolívar, 2015. 514p

SOARES, Nara Beatriz Matias. **Saberes tradicionais das comunidades quilombolas de Canguçu enquanto promotores da proteção da biodiversidade**. Trabalho de Conclusão de Curso Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas, 2021.

SANTOS, A. B. **Colonização, quilombos. Modos e significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015, p. 89.